



Conceptions of Physiotherapy students about concepts in the field of Gender and Sexuality

Concepções de estudantes de Fisioterapia acerca de conceitos do campo do Gênero e da Sexualidade

Concepciones de estudiantes de Fisioterapia sobre conceptos en el campo de Género y Sexualidad

Viviane Patrícia Pereira Félix¹ , Ivanderson Pereira da Silva¹ 

¹ Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil.

Autor correspondente:

Nome Ivanderson Pereira da Silva

E-mail: ivanderson.silva@arapiraca.ufal.br

Como citar: Félix, V. P., & Silva, I. P. (2024). Conceptions of Physiotherapy students about concepts in the field of Gender and Sexuality. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 5(1), e19278. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks5119278>

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido a partir de uma investigação realizada no contexto do componente curricular de Embriologia ministrado no 1º ano do curso de Fisioterapia de uma universidade pública de Maceió-AL. Teve como objetivo geral: Investigar os sentidos e significados que estudantes de Fisioterapia atribuem aos conceitos do campo do Gênero e da Sexualidade. Trata-se de uma pesquisa-ação, cuja análise de dados ocorreu a partir dos pressupostos da análise de conteúdo. A pesquisa apresentou como potencialidade a tentativa de desconstruir os discursos que reforçam normatizações e naturalização presentes nas aulas de Embriologia. Por fim, como fatores limitantes, destacamos o pouco tempo de discussão e a marginalidade dos temas.

Palavras-chave: Ensino de Embriologia. Corpo, Gênero e Sexualidade. Abordagem Sociocultural e Política. Abordagem Prescritiva-Essencialista.

ABSTRACT

This article was developed based on a study conducted in the context of the Embryology curricular component taught in the first year of the Physiotherapy course at a public university in Maceió, AL. Its general objective was to investigate the senses and meanings that Physiotherapy students attribute to concepts in the field of Gender and Sexuality. This is an action research, whose data analysis was based on the assumptions of content analysis. The research presented as a potential attempt to deconstruct the discourses that reinforce

standardizations and naturalization present in Embryology classes. Finally, as limiting factors, we highlight the short discussion time and the marginality of the themes.

Keywords: Teaching Embryology. Body, Gender and Sexuality. Sociocultural and Political Approach. Prescriptive-Essentialist Approach.

RESUMEN

Este artículo fue desarrollado a partir de una investigación realizada en el contexto del componente curricular de Embriología impartido en el 1º año del curso de Fisioterapia de una universidad pública de Maceió-AL. Su objetivo general fue: Indagar los sentidos y significados que los estudiantes de Fisioterapia atribuyen a los conceptos del campo de Género y Sexualidad. Se trata de una investigación-acción, cuyo análisis de datos se basó en los supuestos del análisis de contenido. La investigación se presenta como un potencial intento de deconstruir los discursos que refuerzan las estandarizaciones y naturalizaciones presentes en las clases de Embriología. Finalmente, como factores limitantes destacamos el corto tiempo de discusión y la marginalidad de los temas.

Palabras clave: Palabras clave: Enseñanza de la Embriología. Cuerpo, Género y Sexualidad. Enfoque Sociocultural y Político. Enfoque prescriptivo-esencialista.

INTRODUÇÃO

Os(As) profissionais da saúde necessitam ter uma formação que leve em consideração todas as particularidades do(a) sujeito(a), incluindo principalmente as questões de gênero e sexualidade (Silva e Rasera, 2024), pois estudos como o de Suen e Chan (2020) evidenciam que quando, por exemplo, o(a) paciente revela orientação não-heterossexual, os(as) profissionais de saúde frequentemente apresentam reações homofóbicas (constrangimento, condescendência e hostilidade).

Pode-se dizer que o debate sobre as desigualdades de gênero e sexualidade no contexto da saúde vem ganhando espaço no campo das políticas públicas, tanto nas políticas nacionais de saúde (Atenção Integral à Saúde da Mulher, Atenção Integral à Saúde do Homem e Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) como nas Conferências Nacionais de Saúde (12º e 13º, que trouxeram a inclusão da orientação sexual e da identidade de gênero na análise da determinação social da saúde).

Entretanto, estudos (Lima et al., 2021; Yang, 2020; Ferreira et al., 2020) têm alertado sobre a escassez de debates, o desconhecimento dos(as) estudantes sobre esses temas, o pouco espaço no currículo e a falta de incentivo do próprio corpo docente.

Diante desse contexto, nos deparamos com a seguinte questão de pesquisa: Quais as concepções de estudantes de Fisioterapia acerca de conceitos do campo do Gênero e da Sexualidade?

A partir desse questionamento, traçamos como objetivo geral investigar os sentidos e significados que estudantes de Fisioterapia atribuem aos conceitos do campo do Gênero e da Sexualidade. Como objetivos específicos: identificar as cosmovisões que dão sentido aos argumentos de estudantes de Fisioterapia acerca de conceitos do campo do Gênero e da Sexualidade; analisar os significados atribuídos pelos estudantes de Fisioterapia para conceitos do campo do Gênero e da Sexualidade.

Esta investigação consistiu numa pesquisa-ação, haja vista que propõe uma ação para transformar realidades investigadas e visa a produção de conhecimentos (Tanajura; Bezerra, 2015). A análise dos dados se deu por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016).

Este artigo está organizado em cinco seções. A seguinte descreve o percurso metodológico da ação desenvolvida em sala de aula com os(as) estudantes de Fisioterapia.

Posteriormente, apresentamos os dados da pesquisa, qual seja, as respostas dos(as) alunos(as) referentes ao questionário aplicado em sala de aula. Na sequência fazemos a discussão desses resultados. Nas Considerações Finais, expomos as potencialidades e limitações dessa ação proposta.

METODOLOGIA

Nesta seção descrevemos o percurso metodológico da ação pedagógica desenvolvida. Esta ação ocorreu entre maio e julho de 2024, junto aos estudantes do primeiro ano do curso de bacharelado em Fisioterapia de uma universidade pública de Maceió – AL.

O conteúdo programático da disciplina de BHE¹ não possibilita uma discussão sobre corpo, gênero e sexualidade abrangendo questões socioculturais. Sendo assim, ao assumir a premissa de que o Ensino de Ciências da Natureza não é neutro (Foucault, 1987; Haraway, 1992), mas representativo dos interesses de um grupo social hegemônico (Veiga-Neto, 2004; Galamba; Matthews, 2021), temos nos dedicado a investigar possibilidades didáticas que favoreçam a emergência de um currículo humanizado para o ensino de Biologia e suas ramificações.

Em virtude disso, planejamos uma ação em duas etapas. A primeira consistiu na solicitação às(aos) estudantes de uma resenha crítica do texto “Diversidade de gênero no atendimento fisioterápico em ginecologia e obstetrícia: um tabu a ser quebrado” (Souza; Santana, 2020). Esse artigo, que procura desconstruir a ideia de que somente mulheres podem se especializar e prestar atendimento em Fisioterapia em Saúde da Mulher, foi disponibilizado no e-mail da turma, em 21 de maio de 2024, como atividade extra e finalizadora do bloco de assuntos de Biologia Celular e Molecular (BCM). Nossa proposta, com esse escrito, foi iniciar um envolvimento com questões de gênero no curso de Fisioterapia, mas, principalmente, captar a opinião dos(das) estudantes sobre esse tema em um contexto prático.

Na aula seguinte (27/05/2024), nos 30 primeiros minutos de aula, destacamos as principais críticas dos(das) estudantes referentes ao texto resenhado. A partir disso, deu-se início ao conteúdo do bloco de Embriologia, mais especificamente Gametogênese. Convém salientar que são ministradas três horas de aula de BHE, todas as segundas-feiras, ao longo do primeiro ano do curso.

Ao abordar a diferenciação dos gonócitos (células germinativas primordiais) foi realizada, propositadamente, uma pausa na aula. Essa interrupção marcou o início da segunda etapa de nossa ação, que durou o tempo restante de aula, qual seja, 20 minutos.

Nesse momento, fizemos quatro questionamentos as/aos alunas/os, a saber: 1º) Só existe masculino e feminino? Por quê? 2º) O que é uma pessoa intersex 3º) Defina: a) gênero; b) sexualidade; c) identidade de gênero; d) orientação sexual 4º) A sigla LGBT ampliou, tem novas letras. Quais são elas e o que você acha dessa ampliação? Ela é mesmo necessária?

Os/as estudantes foram incentivados/as a responder às questões individualmente, sem consulta, em uma folha destacada do próprio caderno. Portanto, o uso de celular e, principalmente, de internet foi proibido naquele momento.

Na aula subsequente (03/06/2024), foi retomado o assunto de Gametogênese a partir da diferenciação dos gonócitos. Contudo, ao invés de se limitar e reproduzir apenas o que estava posto no livro de Embriologia, optou-se por fazer uma abordagem sociocultural e discutir sobre diversidade sexual, pluralidade dos corpos e/ou identidades de gênero, a fim de dar também possíveis respostas e/ou possibilidades para as questões elencadas na aula anterior.

¹ Identificar a célula e seus componentes como unidade fisiológica e morfológica dos organismos vivos. Identificar os tecidos e sistemas relacionando com suas funções. Conhecer a embriologia do desenvolvimento humano, com ênfase no aparelho genital masculino e feminino.

Iniciamos contando a versão autorizada² nos livros de Embriologia, qual seja, que durante a fase pré-natal, os gonócitos que formam o embrião costumam migrar da parede posterior do saco vitelino para a região da crista genital ou gonadal, quando isso acontece, geralmente por volta da nona semana de desenvolvimento, aqueles que possuem cromossomos XY na sua constituição, vão se diferenciar em espermatogônias e a gônada em testículo; porém, aqueles que apresentam cromossomos XX, vão se diferenciar em ovogônias e a gônada em ovário (Moore, Persaud e Tochia, 2012).

Entretanto, expusemos também que a crista gonadal, em algumas situações, não se diferencia como o esperado e pode gerar diversas conformações de corpos³, que corresponderia ao que se entende na clínica médica por intersexualidade, sendo as mais conhecidas na Educação Básica as síndromes de Turner⁴ e de Klinefelter⁵, mas que só costumam ser estudadas no conteúdo de Genética, no tópico Alterações Cromossômicas.

Explicitamos que a área de Saúde, ainda vê a intersexualidade como uma condição patológica (Bastos, 2019), uma vez que afirma que interações não esperadas para fatores genéticos e hormonais ligados ao sexo na fase pré-natal resultam em corpos que são socioculturalmente identificados como anormais, uma vez que nascem com “testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente” (Jesus, 2012, p. 25).

Entretanto, para a Biologia Cordial⁶, a intersexualidade pode ser uma possibilidade sadia e digna de vida humana (Bastos, 2019), onde se nasce com características sexuais (genitais, gônadas e padrões cromossômicos) ambíguas. Dentro dessa perspectiva, a pessoa intersex é aquela que não se encaixa nas noções binárias de corpos masculinos e femininos. Como tal condição não influencia sua orientação sexual⁷ ou identidade de gênero⁸, “pode ser heterossexual, gay, lésbica, bissexual ou assexual, e pode se identificar como mulher, homem, ambos ou nenhuma das duas coisas” (Nações..., [2019], p. 1).

Procuramos evidenciar por meio de percepções tão distintas que, na prática, o corpo humano é plural, portanto, não se resume a duas formas possíveis de existência. Da mesma forma, o gênero é diverso. Para ressaltar isso, destacamos que na Índia o gênero nunca foi binário, uma vez que há escrituras que descrevem entre 20 e 28 gêneros (Silva, 2024). O gênero, na verdade, corresponde a “uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num

² A que fala e produz como são e devem ser os corpos, gêneros e sexualidades, e, que traduz noções que são reconhecidas ou se reconhecem como do campo biológico (Santos e Silva, 2019).

³ Comumente nos cursos de Biologia, o corpo humano é abordado a partir de sua unidade básica, a célula, sua organização em tecidos, órgãos, sistemas, fluxos, genética e reações bioquímicas. Tal forma de abordar o corpo, segundo Souza (2016), advém de um discurso científico historicamente construído a partir do século XIX com a finalidade de produzir um corpo fragmentado e independente das relações sociais e ambientais experienciadas no seu viver. Contudo, entendemos o corpo tal qual Silva (2019), como instrumento relacional com o mundo, que materializa diversidade de influências culturais e sociais e, ao mesmo tempo, produz e/ou fortalece discursos que (re)afirmam velhos ou novos modelos culturais em uma sociedade.

⁴ Mulheres com falta do cromossomo X. “É uma forma de disgenesia gonadal em mulheres. Os ovários não se desenvolvem; essas mulheres têm estatura baixa, carência de estrógeno e hormônios do crescimento” (Bastos, 2019, p. 43).

⁵ Homens com cromossomo extra. “É uma forma de disgenesia que causa a infertilidade. Depois da puberdade, frequentemente, o peito e os ombros se alargam, o tratamento inclui terapia da testosterona” (Bastos, 2019, p. 43).

⁶ Corresponde a Biologia que dialoga com aspectos fundamentais da dignidade da pessoa humana (Teixeira, Oliveira e Queiroz, 2019).

⁷ Pode ser definida como “a atração ou o desejo de se relacionar sexualmente e/ou afetivamente com pessoas de sexo diferente (heterossexuais), por sexos iguais (homossexuais) por ambos os sexos (bissexuais), por nenhum deles (assexuais – que podem desenvolver afetos e sentimentos românticos sem desejo sexual)” (Strapazzon e Cesaro, 2021, p. 17).

⁸ Indica “o gênero ao qual uma pessoa se identifica, independentemente de seu sexo biológico. Algumas pessoas se identificam com o sexo biológico (cisgêneras), outras com outro gênero – masculino, feminino, ambos ou mesmo nenhum dos gêneros socialmente construídos e reconhecidos” (transgêneros) (Strapazzon e Cesaro, 2021, p. 18).

espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos (...) gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos” (Butler, 2016, p. 242).

Argumentamos também que, embora o gênero esteja relacionado à sexualidade, haja vista que ambos tratam de categorias que constituem a identidade⁹ humana, a sexualidade¹⁰ é forjada a partir de múltiplos discursos sobre o sexo¹¹, que tendem a regular, normatizar, instaurar saberes e produzir verdades (Foucault, 1987), que podem ser fatais, como no caso de Barbin¹².

Na seção seguinte, trazemos as respostas dos/as alunos/as referentes ao questionário aplicado no dia 27/05/2024.

RESULTADOS

Dos/as 33 estudantes que cursaram a disciplina de BHE, 31 responderam ao questionário. Apenas duas pessoas não responderam ao mesmo porque no dia de sua aplicação haviam faltado a aula. Essas respostas foram submetidas aos pressupostos da análise de conteúdo (Bardin, 2016) e nos permitiram chegar as duas categorias destacadas no quadro 1:

Quadro 1. Respostas do questionário.

	Abordagem prescritiva-essencialista	Abordagem sociocultural e política
<p>Questão 1. Só existe masculino e feminino? Por quê? *</p> <p>* E = estudante</p>	<p>E4: Biologicamente, sim. Por que só existem 2 diferentes pares de cromossomos sexuais. XX= Feminino, XY = Masculino (grifo nosso)</p> <p>E7: Na normalidade, biologicamente existem apenas os sexos feminino e masculino, porém podem existir “problemas” como os hermafroditas, ou pessoas que produzem mais hormônios de um sexo que o outro (grifo nosso)</p> <p>E10: Sim. Porquê biologicamente só existem dois cromossomos sexuais, sendo eles X e Y, que definem se o feto em gestação será masculino ou feminino. Sendo assim, qualquer outro gênero que “surgir” é de criação humana e sem nenhuma comprovação ou explicação biológica (grifo nosso)</p>	<p>E12: Não necessariamente, até porque, vai depender do referencial (Biológico ou Social)</p> <p>E19: Para a biologia sim, mas socialmente não. Porque não apenas fatores biológicos que determinam uma pessoa, podemos dizer que esses fatores são limitantes, existem, por exemplo, pessoas que não se identificam nem com o masculino, nem com o feminino.</p> <p>E24: Depende em qual ponto de vista, algumas religiões exaltam que existe seres masculino e feminino. Porém, com o crescimento das populações e descobertas existem mais de 30 gêneros.</p>

⁹ É “como a pessoa se enxerga e como se apresenta para a sociedade” (Strapazzon e Cesaro, 2021, p. 17). É uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas ... está ligada a sistemas de representação (Silva, 2000, p. 96).

¹⁰ É “uma construção social, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo: o sentido e o peso que lhe atribuímos são, entretanto, modelados em situações sociais concretas” (Louro, 2000, p. 40).

¹¹ Pode ser relacionado a três noções básicas: ‘sexo biológico’, ‘sexo cultural’ e ‘ato sexual’. O sexo biológico, é aquele com o qual você nasce, de acordo com sua genitália, cromossomos, gônadas e hormônios. O sexo cultural é aquele que determina as características de ser homem e de ser mulher na sociedade. O ato sexual está relacionado ao erotismo, prazer e orientação sexual e reprodução (Strapazzon e Cesaro, 2021,)

¹² Adelaide Herculine Barbin, chamada de Alexina B. nasceu na França, no séc. XIX, com órgãos genitais masculino e feminino, sendo, em virtude disso, classificado(a) como hermafrodita. Como o pênis era pouco desenvolvido, os peritos que o/a avaliaram determinaram que se tratava de uma menina. Ele/a foi colocado/a num convento, mas à medida que ia se desenvolvendo, não apresentava uma identidade feminina, pois tanto se sentia atraída pelas freiras, como as atraía também. Por apresentar traços masculinos na idade adulta, foi reclassificado/a pelos peritos como homem. Por sentir-se dividido(a) e amargurado(a) com sua nova condição, suicidou-se (Foucault, 2012).

	E11: Biologicamente falando, sim. Pois só existem dois tipos de aparelho sexual; o masculino e o feminino. E nos casos raros de hermafroditismo, é necessário que a pessoa em questão escolha qual aparelho sexual será mantido para sobreviver.	
<p>Questão 2. O que é uma pessoa intersex? **</p> <p>** Seis pessoas nunca tinham ouvido falar</p>	<p>E3: pessoa que desde o nascimento não se enquadra em conceitos médicos ou sociais para os gêneros masculino e feminino.</p> <p>E4: é uma anomalia que causa uma mutação nos cromossomos sexuais, fazendo com que o indivíduo nasça com 2 aparelhos sexuais (grifo nosso)</p> <p>E10: Uma pessoa que segundo suas crenças pessoais se encontra com mais de um sexo. Entretanto, mesmo que tal coisa faça sentido para essa pessoa, dentro da biologia, e em minha concepção pessoal, não há como ter mais de um sexo. (grifo nosso)</p>	<p>E19: É uma pessoa que possui características (físicas, hormonais, biológicas) tanto masculinas quanto femininas (biologicamente). Ela não se enquadra no padrão biológico masculino ou feminino</p> <p>E22: É uma pessoa que nasce com características físicas que não se adequam aos padrões masculinos e femininos, fazendo com que não haja uma legitimação do seu sexo.</p>
<p>Questão 3. Defina:</p> <p>a) gênero;</p> <p>b) sexualidade;</p> <p>c) identidade de gênero;</p> <p>d) orientação sexual</p>	<p>a) Definição de gênero</p> <p>E30: Biologicamente seria definido de acordo com o aparelho genital com o qual a pessoa nasceu.</p> <p>E12: Papel, função ou comportamento esperados por uma pessoa com base no sexo biológico</p> <p>E3: comportamentos associados ao sexo biológico das pessoas</p> <p>b) Definição de sexualidade</p> <p>E10: Se você escolhe se relacionar com homem ou mulher, ou seja, a sexualidade seria a heterossexualidade, homossexualidade e etc...</p> <p>E3: conjunto de comportamentos que se referem aos desejos e atrações sexuais</p> <p>E21: É pré-estabelecida socialmente quando nascemos por qual gênero devemos nos atrair.</p> <p>c) Definição de identidade de gênero</p> <p>E30: Seria o gênero com o qual uma pessoa se identifica, seja ele o qual ela nasceu ou não</p> <p>E10: Como você se reconhece independente do seu gênero de nascimento</p> <p>d) Definição de orientação sexual</p> <p>E30: A afetividade de cada pessoa, se ela se sente atraída por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto etc.</p> <p>E10: A sexualidade que a pessoa escolhe.</p>	<p>a) Definição de gênero</p> <p>E31: diferenças percebidas entre os sexos, está relacionado com os papéis sociais e comportamentos</p> <p>E17: cis e trans</p> <p>E21: São pré-estabelecidas socialmente quando nascemos.</p> <p>b) Definição de sexualidade</p> <p>E31: está relacionada à sensação, sentimentos e emoções. É construída durante toda vida da pessoa.</p> <p>E12: é uma construção que acontece desde infância e tem relação com as relações sexuais, efetividade e a busca pelo prazer.</p> <p>c) Definição de identidade de gênero</p> <p>E12: Maneira de como você se enxerga (HOMEM; MULHER; TRANSEXUAL; SEM GÊNERO.)</p> <p>E17: como o indivíduo se reconhece e quer ser conhecido.</p> <p>d) Definição de orientação sexual</p> <p>E3: Indica pelo que você sente atração (se você é bi, homo, hetero, etc.)</p> <p>E12: Mostra para qual lado a sua sexualidade esta orientada, indicando pelo ou por quem você sente atração (HETERO; Bi; HOMOSEXUAL; PANSEXUAL.)</p> <p>E21: Por quem nos atraímos, independente das pré-estabelecidas.</p>
<p>Questão 4. A sigla LGBT ampliou, tem</p>	<p>E6: Não sei quais são as outras letras, e acho essa ampliação desnecessária, pois já</p>	<p>E3: Foi expandida para QIA+ (Queer, intersexual e assexualidade). Demonstra</p>

<p>novas letras. Quais são elas e o que você acha dessa ampliação? Ela é mesmo necessária?</p>	<p>chegou a um nível que qualquer coisa é motivo de uma nova sexualidade, ultrapassando os limites da “normalidade”, sendo assim, na minha opinião, uma futilidade (grifo nosso)</p> <p>E7: As letras são LGBTQIPNA+. Essa ampliação para esse público é de grande importância. Porém, socialmente não muda muita coisa, já que já eram inclusos. Sendo um debate que ocupa o lugar de outros mais importantes na sociedade. É necessária para um grupo, porém comunitariamente, é apenas uma forma de distanciar todos (grifo nosso)</p> <p>E10: Q, I, A e etc... Se as pessoas que se indentificam com essas novas identidades acham necessárias incluam novas siglas, tudo bem pois vivemos num país livre. No entanto, não necessário, pois se toda vez que alguém se resolver se indentificar com uma nova identidade acrecestem uma nova letra, logo todo alfabeto estará aí.</p> <p>E21: São muitas siglas, como QIAP+. Acredito que algumas ampliações sejam válidas, pois se trata de inclusão, mas deve ser feita com cautela, visto que a sigla já sofre com estigmas pelo fato de abranger já muitas letras e o que deveria ser benéfico, acaba prejudicando ainda o movimento.</p>	<p>compreensão acerca da diversidade e visa representar igualmente a todos. Sim, necessária.</p> <p>E13: LGBTQ, Q, I, A +, acho necessária, existem evoluções, tecnológicas, ambientais e também nessa comunidade. Então, acho necessária essa ampliação para poder englobar e dar, de fato, a devida importância.</p> <p>E20: LGBTQIAPN+, eu sou meio termo para a ampliação, pois é necessário a reafirmação de quem somos para a sociedade entender a existência de múltiplas sexualidades para além a heteronormatividade, outro ponto é que eu acho que o + já engloba todos, mesmo sabendo que as letras que já estão expostas na comunidade existe outras possibilidade de identificação, tanto de gênero, quanto de sexualidade</p>
---	---	---

Fonte: Os/as autores/as

A categoria “Abordagem prescritiva-essencialista” é constituída por discursos biomédicos, psicológicos e religiosos que reforçam normatizações e naturalizações em torno de sexualidade e gênero (Souza, 2018). Ou seja, enfatizam a reprodução, a manutenção da família heteronormativa, e principalmente reforçam oposições binárias (natureza/cultura; masculino/feminino; heterossexual/homossexual).

A categoria “Abordagem sociocultural e política”, reconhece o caráter produtivo da linguagem e da cultura, uma vez que ressalta a importância de um posicionamento político e social, objetivando a problematização das relações de poder assimétricas que permeiam os campos da sexualidade e do gênero.

Na seção seguinte, promovemos a discussão das falas dos(das) estudantes.

DISCUSSÃO

A partir dos dados apresentados no quadro 1, verifica-se que, na questão 1, as falas de E4, E7, E10 e E11 refletem que o termo “biologicamente” remete a um ideário positivista, de que a ciência é a única verdade e que só existe uma única verdade e uma única ciência (a experimental). Os pares de cromossomos são evocados para encerrar qualquer debate e estabelecer que macho é sinônimo de masculino e fêmea é sinônimo de feminino.

O “biologicamente” é usado como sinônimo de “normalidade”. Na realidade o que se traz é a “normalização” dos corpos. O que se definiu como normal em um corpo e em uma performance social. O que se espera daquele corpo na sociedade, os comportamentos sociais que se espera de um corpo que nasce com pênis e os comportamentos sociais que se espera de um corpo que nasce com vagina. Com relação ao que se entende por masculino e feminino, percebe-se que, pelas respostas dadas, os sentidos atribuídos convergem para a ideia de

genitália: sexo masculino e sexo feminino. Tudo o que é masculino e tudo o que é feminino se reduz à genitália. Tudo o que está para além dessa relação direta é considerado um problema.

Nessa questão 1, E10 traz uma visão LGBTfóbica ao afirmar, em tom decisório: “qualquer outro gênero que ‘surgir’ é de criação humana”. A cosmovisão que assume a premissa de uma natureza é imutável não é a biológica (que tem numa de suas teorias mais bem aceitas a ideia da Evolução) e sim a mitológica, neste caso específico, a mitologia criacionista de base judaico-cristã.

E11, por sua vez, ao dizer que “nos casos raros de hermafroditismo, é necessário que a pessoa em questão escolha qual aparelho sexual será mantido para sobreviver”, instaura um dilema ético ao deixar a cargo do sujeito a escolha do órgão sexual. Neste caso, o(a) recém-nascido(a) ainda não tem condições de decidir sobre as intervenções cirúrgicas que serão praticadas contra seu corpo. O sujeito, portanto, não poderia decidir.

Caberia aos pais, aos(as) médicos(as), ou a outros(as) sujeitos(as) decidir sobre o sexo deste(a) recém-nascido(a). Com efeito, tais escolhas não estarão isentas das influências do discurso médico ou do desejo dos pais. Ainda que essa criança cresça intersexual, e tome a decisão sobre ao polo binário vai ocupar, ainda assim não se pode garantir que tal decisão estará “a cargo do(a) sujeito(a)”, uma vez que os pais, e a sociedade em geral, podem exercer forte pressão sobre as decisões desse(a) sujeito(a).

Com efeito, dentro de uma visão transcendente ao modelo binário do sexo, é preciso refletir se a saúde desse(a) sujeito(a) está comprometida pelo fato de possuir uma genitália que não está dentro dos padrões de normalidade do discurso medicalizante, cisheteronormativo. Caso sua saúde não seja comprometida, a intervenção cirúrgica seria uma intervenção médica para uma demanda normalizante e que patologiza corpos que não se encaixam nas construções sociais do que se normalizou como sexo possível.

Ainda na questão, E12, E19 e E24 foram enquadrados na categoria abordagem sociocultural e política porque suscitam, ainda que fragilmente, outros fatores, além dos biológicos, que constituem o indivíduo.

Na questão 2, as falas de E3, E4 e E10 destacam que a genitália encerra o destino do sujeito, haja vista que vai determinar a compulsoriedade de seus comportamentos, desejos e papel social. Dentro desta cosmovisão todo(a) aquele(a) que não for fiel a essa correspondência sexo-gênero assume-se como anomalia, passa a ser compreendido(a) como algo não-natural, patológico. Contudo, essa não é uma construção dada pela natureza, é uma construção que emerge das elucubrações que se fizeram hegemônicas ao longo do tempo. Resulta dos discursos que provaram vitoriosos ao longo das disputas de poder entre grupos.

Os colonizadores que dominaram o Ocidente propagaram a visão judaico-cristã de mundo e sua cosmovisão mitológica acerca das relações entre a genitália e os comportamentos, desejos e papéis que os seres humanos deveriam assumir. Neste sentido, não se trata de uma argumentação dentro do escopo da visão científica, do que a ciência até hoje produziu em termos de conhecimento neste campo. Trata-se de uma disputa de cosmovisões: a científica e mitológica judaico-cristã.

Ainda nessa questão, E10, ao expressar suas concepções, evidencia o limite do debate a partir de um posicionamento sectário. Em sua resposta E10 demonstra que, embora reconheça a existência de outras cosmovisões, está segura de que a única visão de mundo correta é a dela. Qualquer outra cosmovisão que divergir da dela, inclusive a cosmovisão científica, estará errada. Neste campo, de fato o diálogo não é possível, uma vez que o que está em disputa não são ideias dentro de uma cosmovisão, mas disputa de cosmovisões.

Visão de mundo extrapola o domínio cognitivo e mobiliza dimensões do sujeito que tem a ver sua identidade, com sua constituição subjetiva. Desmontar tais argumentos significa desmontar o próprio sujeito. Neste caso não se trata de uma discordância conceitual, técnica, aqui não está sendo discutido argumento de verdade dentro de uma perspectiva científica. O

que está sendo discutido é visão de mundo (cosmovisão), visões que partem de tipos de conhecimento distintos: mitológico e científico.

Na questão 3a, mais uma vez o sujeito é reduzido as possibilidades do corpo. As falas de E3, E12 e E30 revelam que o corpo, mais especificamente a genitália, assume o sentido de uma prisão, pois se as suas conformações anatômicas não corresponderem ao padrão esperado, o indivíduo será classificado como anormal.

Na questão 3b, enquanto E12 e E31 demonstram um entendimento sociocultural sobre sexualidade, E3, E10 e E21 revelam uma visão mitológica. Segundo Strapazzon e Cesaro (2021), o termo “opção sexual” foi cunhado pelo senso comum e descaracteriza a atração afetivo-sexual de homossexuais masculinos e femininos e bissexuais. Quando uma pessoa opta por algo, ela está escolhendo entre, no mínimo, duas opções, o que não ocorre com essas pessoas. No máximo, elas escolhem ou não expor publicamente sua orientação sexual.

Na questão 3c, as falas da primeira categoria revelam uma confusão entre sexo biológico e gênero. Na questão 3d, a fala de E30 limita a atração ou desejo a uma relação afetiva. Tratam-se de visões mitológicas sobre o gênero e sobre o sexo. Visões que flertam com o ideário da mitologia judaico-cristã.

Na questão 4, a fala de E6 demonstra um incômodo em nomear os padrões sexuais, o que tem a ver com sua percepção prescritiva-essencialista de mundo. A fala de E7, por sua vez, suscita a tese do cobertor curto, qual seja, o debate de um tema impede, inviabiliza o debate de outro. Essa pessoa crê que suas demandas são mais importantes que as dos outros, o que expõe o nível de individualismo que vivemos, reflexo do neoliberalismo. Já E10 demonstra uma visão necropolítica, pois parte da premissa de que o grupo LGBTQIAPN+ deveria ser eliminado, que o debate não deveria acontecer porque esse grupo não deveria existir.

CONCLUSÃO

Desconstruir verdades mitológicas não é uma tarefa fácil, pois seu núcleo de refutabilidade é nulo. O princípio do argumento religioso é a fé, é crer. Para crer não necessárias evidências materiais, e ainda que existem evidências materiais que contradigam os princípios mitológicos, essa contradição não é suficiente para desmontar tal argumento uma vez que sua base não é científica e sim, a fé.

Precisamos romper com a prevalência de cosmovisões não-científicas em contextos cuja base deveria ser científica, como é o caso da Fisioterapia. Dentro do espectro de tais visões, além de não representar a todos(as), as ações decorrentes podem aprisionar, mutilar e até mesmo matar outros seres humanos.

Planejar a ação e analisar as percepções dos(as) alunos(as) sobre diversidade sexual, pluralidade dos corpos e/ou identidades de gênero foi importante porque nos mostrou como conduzir os conteúdos de Embriologia dentro de uma Abordagem Sociocultural.

As maiores contribuições aconteceram durante a explanação do conteúdo de gametogênese, pois tendo identificado pelo questionário aplicado junto as(aos) alunas(os) que a abordagem prescritiva-essencialista está muito arraigada neles(a) (sendo predominante falas dos discursos biomédicos e/ou de cunho religioso), procuramos desconstruir os discursos que reforçam normatizações e naturalizações em torno da sexualidade e do gênero.

Por fim, os fatores limitantes da proposta de aula foram o tempo e a marginalidade dos temas. É necessário fazer esse tipo de desconstrução continuamente para garantir espaços seguros e livres de discriminação na nossa sociedade.

AGRADECIMENTOS: Os(As) autores(as) agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pelo financiamento deste estudo.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES: Félix, V. P.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo; Silva, I. P.: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos

dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito”).

CONFLITOS DE INTERESSE: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. [2016]. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Bastos, F. [2019]. “Eu fico meio sem saber como eu vou falar isso assim, do nada”: currículo, diversidade sexual e ensino de biologia. In: Teixeira, P. P.; Oliveira, R. D. V. L. de; Queiroz, G. R. P. C. (Organizadores). *Conteúdos cordiais biologia humanizada para uma escola sem mordança*. 1. ed. – São Paulo: Editora Livraria da Física.

Butler, J. [2016]. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*; tradução Renato Aguiar. 10ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 267p.

Creswell, J. [2014]. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre Cinco Abordagens*. Penso Editor.

Ferreira, V. C. et al. [2020] Saúde da Mulher, Gênero, Políticas Públicas e Educação Médica: Agravos no Contexto de Pandemia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, Brasília, DF, v. 44, n. Suppl 01, e147. DOI: 10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200402

Foucault, M. [1987]. *Vigiar e punir*. 7a ed. Petrópolis: Vozes.

Foucault, M. [2012]. *Ditos e escritos: ética, sexualidade, política*. Vol. V. 3 ed. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Haraway, D. [1992]. Estudos Culturais em educação others. In: Grossberg L.; Nelson, C.; Treichler, P. (Org.). *Cultural Studies*. New York/London; Routledge, p.295-337.

Lima, A. C. S. et al. [2021]. Gênero e sexualidade na formação de enfermeiros no ensino superior público brasileiro: estudo documental. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, Divinópolis, v. 11, e3877, 2021. DOI: 10.19175/recom.v11i0.3877

Moore, K. L., Persaud, T.V.N., & Torchia, M. G. [2012]. *Embriologia básica*. Tradução Karina Penedo Carvalho et al. Rio de Janeiro: Elsevier.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *ONU e ativistas brasileiras lembram importância da visibilidade intersexo*. [2019]. <https://brasil.un.org/pt-br/84469-onu-e-ativistas-brasileiras-lembram-import%C3%A2ncia-da-visibilidade-intersexo>.

Silva, T. de S. [2019]. Abordagem da sexualidade no ensino de biologia: interfaces entre relações de gênero e literatura. *Dissertação* (Mestrado Profissional em Formação de Professores). Universidade Estadual da Paraíba. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa.

Silva, T. T. da. [2020]. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Tomaz Thadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes. Disponível em: http://diversidade.pr5.ufrj.br/images/banco/textos/SILVA_-_Identidade_e_Diferen%C3%A7a.pdf .

Souza, E. de J. [2018]. Educação sexual “além do biológico”: problematização dos discursos acerca de sexualidade e gênero no currículo de licenciatura em biologia. *Tese* (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Strapazzon, J. A.; Cesaro, H. L. de. [2021]. Diversidade sexual e de gênero: construir conhecimentos para desconstruir preconceitos. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/643836>

Silva, J. M. N. & Rasera, E. F. [2024]. Gênero e sexualidade no currículo dos cursos de graduação em saúde coletiva. *Saúde Soc. São Paulo*, v.33, n.1, e220037pt. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220037pt>

Suen, Y. T.; Chan, R. C. H. [2020]. A nationwide crosssectional study of 15,611 lesbian, gay and bisexual people in China: disclosure of sexual orientation and experiences of negative treatment in health care. *International Journal for Equity in Health*, Berlin, v.19, n.1. DOI: 10.1186/s12939-020-1151-7

Tanajura, L. L. C., & Bezerra, A. A. C. [2015] Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: aproximações e especificidades metodológicas. *Revista Eletrônica Pesquisaeduca*. Santos, SP, vol. 07, n. 13, p. 10-23, jan./jun..

Veiga-Neto, A. [2004] Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M. V. (Org.); Veiga-Neto, A. et al. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* 2.ed. - Porto Alegre; Editora da UFRGS.

Yang, H. C. [2020]. What Should Be Taught and What Is Taught: Integrating Gender into Medical and Health Professions Education for Medical and Nursing Students. *International journal of environmental research and public health*, Basel, v. 17, n. 18. DOI: 10.3390/ijerph17186555.

Recebido: 13 de outubro de 2024 | **Aceito:** 2 de dezembro de 2024 | **Publicado:** 31 de 12 de 2024



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.